



Memórias de São Cristóvão: uma perspectiva da evolução urbana do bairro

Autores(as): Asafe Dias; Kassiany Dias; Lucas Barreto; Maria Eduarda Barboza; Maria

Larice Gomes; Raquel Souza

Tutor(a): Sergio Luiz Nunes Pereira

petgeo.uff@gmail.com

PET-Geografia (PET-Geo)

Universidade Federal Fluminense (UFF)

RESUMO: O artigo analisa a formação histórica, urbana e social do bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, destacando sua trajetória desde o período colonial até o início do século XX. O principal objetivo é compreender como os processos de urbanização, industrialização e migração contribuíram para a transição de São Cristóvão de um espaço aristocrático a um território operário. Para isso, adota-se uma metodologia qualitativa, fundamentada na análise histórica e espacial de fontes documentais, censos e registros iconográficos, articulando perspectivas da história social do trabalho e da teoria crítica da urbanização. Os resultados indicam que o bairro, inicialmente marcado pela presença jesuítica e pelo poder imperial após 1808, sofreu profundas transformações com a modernização urbana e o avanço industrial, que redefiniram sua paisagem e composição social. A chegada de imigrantes europeus, africanos escravizados e migrantes nordestinos configurou uma sociedade plural, onde emergiram movimentos operários e práticas de resistência coletiva. Assim, São Cristóvão simboliza a relação entre urbanização, desigualdade e luta social na conformação do espaço urbano carioca.

Palavras-chave: São Cristóvão - Operário - Urbana - Imigração

Memories of São Cristóvão: a perspective on the urban evolution of the neighborhood

ABSTRACT : The article analyzes the historical, urban, and social formation of the São Cristóvão neighborhood in Rio de Janeiro, highlighting its trajectory from the colonial period to the early twentieth century. Initially composed of land grants (sesmarias) controlled by the Jesuits, the neighborhood was transformed when the Quinta da Boa Vista was donated to the Royal Family in 1808, becoming the center of imperial power. This period brought significant spatial changes that directly impacted local dynamics. After the Proclamation of the Republic, the neighborhood lost its aristocratic prestige, gradually becoming occupied by an emerging



middle class and by industries that were founded in the early twentieth century. São Cristóvão was driven by reforms such as those led by Pereira Passos and by the modernization of the port area, resulting in the construction of urban facilities like the Gas Works (Gasômetro). The neighborhood's demographic profile changed with the arrival of European immigrants, enslaved Africans, and migrants from Brazil's Northeast, forming a diverse society marked by inequalities. In this context, São Cristóvão became a working-class hub in the early twentieth century, a stage for strikes, rallies, and union organization, symbolizing the transition from an aristocratic space to a working-class territory and evidencing the relationship between urbanization, social transformations, and popular struggles.

Keywords: São Cristóvão; Working class; Urban expansion; Immigration

Introdução

São Cristóvão é um dos bairros mais tradicionais e conhecidos do Rio de Janeiro, carregando uma longa e rica história que remonta ao século XVI. Sua trajetória se inicia em 1572, quando a região fazia parte de uma vasta sesmaria que se estendia do atual bairro do Rio Comprido até Inhaúma. Posteriormente, essa área foi dividida em três fazendas principais: Fazenda do Engenho Velho, Fazenda do Engenho Novo e Fazenda de São Cristóvão (SILVA, 1965, pp. 29-30). Esta última foi nomeada em homenagem ao santo padroeiro da igreja local, construída à beira-mar, e teve grande relevância histórica.

As terras eram inicialmente controladas pelos padres jesuítas, que exerciam papel fundamental na vida social e econômica da cidade, contribuindo com a produção agrícola que abastecia a capital. Com o passar dos séculos, a dinâmica da região foi se alterando. A partir de 1752, com a construção do hospital Frei Antônio, depois denominado Hospital dos Lázaros, e, sobretudo, após a expulsão dos jesuítas em 1759 por ordem do Marquês de Pombal, iniciou-se a venda e loteamento das terras.

A história do bairro, desde sua origem colonial até a consolidação como território operário no século XX, evidencia os complexos processos de urbanização, ocupação social, industrialização e formação identitária que caracterizam a cidade do Rio de Janeiro. O presente artigo se propõe a analisar essa trajetória de forma aprofundada, atentando-se aos elementos históricos, urbanos e sociais que moldaram São Cristóvão como um território emblemático da capital fluminense.



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E DIREITOS HUMANOS: DESAFIOS ÉTICOS PARA O SÉCULO XX

Para compreender a trajetória histórica e urbana do bairro de São Cristóvão, foi adotada uma abordagem qualitativa baseada na análise histórica e espacial dos principais processos de ocupação, transformação urbana, dinâmica demográfica e organização social do território. O trabalho busca integrar múltiplos aspectos, desde as mudanças institucionais e territoriais no período colonial até as transformações sociopolíticas e econômicas vividas ao longo dos séculos XIX e XX.

A análise do perfil demográfico e dos processos migratórios que impactaram o bairro é parte central desta metodologia, pois revela não apenas o crescimento populacional, mas também as reconfigurações sociais e culturais provocadas pelas diferentes ondas de migração. A construção de um panorama demográfico, com base em fontes históricas e censos, possibilita identificar os momentos de inflexão e os grupos sociais que participaram ativamente da formação do bairro, como portugueses, italianos, espanhóis, africanos escravizados e migrantes internos, sobretudo do Nordeste brasileiro.

Para além dos dados demográficos e históricos, foram mobilizadas categorias como forma-aparência e forma-conteúdo, oriundas da teoria da urbanização crítica, para compreender os efeitos da industrialização, da modernização urbana e das intervenções estatais na conformação do espaço. A leitura do bairro passa, assim, por uma compreensão das infraestruturas criadas (como ferrovias, rede de esgoto, abastecimento de água e energia elétrica), da transformação da paisagem e da reconfiguração de usos e funções do solo.

Por fim, o artigo incorpora também elementos da história social do trabalho, ao abordar o papel dos movimentos operários, das vilas operárias e das formas de resistência coletiva organizadas no território. A trajetória de personagens como Albino Moreira Dias, e a emergência do bairro como um dos polos do movimento operário durante a República Velha, são mobilizadas como objetos de análise qualitativa.

Resultados e Discussão

A análise histórica e urbana do bairro de São Cristóvão revela um processo complexo de transformação que dialoga diretamente com a história do Rio de Janeiro e do Brasil. Inicialmente uma grande sesmaria pertencente aos jesuítas, São Cristóvão experimentou



mudanças profundas a partir da expulsão da Família Real Portuguesa em 1808. A doação da Quinta da Boa Vista por Elias Antônio Lopes a Dom João VI foi um marco decisivo para a região, que passou a abrigar o palácio da corte e diversos equipamentos urbanos que modernizaram e consolidaram o bairro como centro político e social da cidade imperial.

O bairro possuía uma localização privilegiada, apesar de inicialmente isolada por manguezais, que foram aterrados para melhorar a conexão com o centro. A expansão do palácio e a presença militar próxima conferiram uma importância estratégica e simbólica à área. O portão monumental enviado pelo Duque de Northumberland e a influência da Imperatriz Leopoldina na construção do Museu Nacional refletem o papel de São Cristóvão como um centro cultural e político de destaque.

Com o reinado de Dom Pedro II, a arquitetura e o planejamento do palácio incorporaram elementos modernos, refletindo a busca por uma imagem civilizatória da monarquia. O bairro, contudo, não era exclusivamente aristocrático: a presença de populações escravizadas, trabalhadores livres e imigrantes transformava a área em um espaço socialmente heterogêneo, que refletia as tensões entre diferentes classes e grupos.

A Proclamação da República, em 1889, implicou o banimento da Família Imperial e uma transformação significativa no uso e no prestígio do bairro. O Palácio foi convertido em Museu Nacional, mas a saída da corte e a abertura do mercado provocaram o esvaziamento das elites, que migraram para a Zona Sul. São Cristóvão passou, então, a incorporar características mais populares, tornando-se local de moradia e trabalho para uma população majoritariamente operária.

A implantação da Estação Ferroviária em 1859 e a expansão do transporte coletivo, como os bondes da Companhia São Cristóvão, foram cruciais para integrar o bairro ao restante da cidade, promovendo o crescimento demográfico e a diversificação social. A chegada de imigrantes portugueses, italianos e espanhóis, assim como de trabalhadores libertos e migrantes nordestinos, contribuiu para a formação de uma classe operária diversa e numerosa. Essa composição social foi base para a emergência de uma cultura operária e para a organização dos trabalhadores.

O perfil demográfico ao longo dos séculos XIX e XX revela que São Cristóvão foi palco de grandes movimentos migratórios e sociais. A população escravizada, que chegou a



representar 45% dos habitantes durante o século XIX, sendo deslocada para morros e cortiços. Já os imigrantes europeus e os migrantes internos ocuparam principalmente as áreas industriais e residenciais do bairro, reforçando seu caráter proletário.

O movimento operário emergiu com força, sendo São Cristóvão um dos centros de organização sindical e das primeiras greves gerais no Rio de Janeiro. A greve de 1903, que reuniu cerca de quarenta mil trabalhadores de diversas categorias, é marco histórico do fortalecimento da classe operária carioca. As demandas por melhores condições de trabalho, salários justos e jornada reduzida expressavam o desejo por mudanças sociais significativas em um contexto de rápida industrialização.

A infraestrutura do bairro acompanhou essas transformações. A instalação do Gasômetro de São Cristóvão em 1911, sob a tutela da Light, expandiu o acesso ao gás e à energia elétrica, remodelando hábitos domésticos e espaços urbanos. A urbanização moderna, embora beneficiando algumas camadas sociais, excluía as populações mais pobres, relegadas a habitações insalubres e periferias, consolidando desigualdades espaciais e sociais.

Conclusões

A trajetória do bairro de São Cristóvão é marcada por uma profunda transformação histórica, social e urbana que reflete as dinâmicas mais amplas do Rio de Janeiro e do Brasil. Originado a partir das sesmarias jesuítas, o bairro acompanhou o processo de colonização, a instalação da corte portuguesa, o período imperial, a transição para a república e a modernização urbana, sempre carregando consigo a complexidade das relações de poder, classe e cultura.

A doação da Quinta da Boa Vista à família real portuguesa e a construção do Palácio de São Cristóvão transformaram a região em centro político e simbólico do império, configurando um espaço privilegiado, porém socialmente heterogêneo, onde conviviam aristocracia, trabalhadores livres, escravizados e imigrantes. A posterior migração das elites para outras áreas e o declínio do prestígio do bairro abriram espaço para o crescimento da população operária, que encontrou em São Cristóvão terreno fértil para organização e luta por direitos.

O bairro consolidou-se como um polo da classe trabalhadora carioca, palco de importantes movimentos operários e de resistência, cuja história é marcada por líderes como Albino Moreira Dias e por eventos emblemáticos como a greve geral de 1903. A infraestrutura



urbana, os transportes e a expansão dos serviços públicos e a melhoria da qualidade de vida e a funcionalidade do bairro, acompanhando as transformações econômicas e sociais.

Apesar das contradições e das desigualdades, São Cristóvão preserva sua relevância histórica e social, sendo um exemplo claro de como os processos de urbanização, industrialização e organização social se entrelaçam na construção do espaço urbano. A compreensão dessa trajetória contribui para valorizar as múltiplas memórias do bairro e reconhecer seu papel fundamental na história do Rio de Janeiro.

Agradecimentos

Agradecemos ao Ministério da Educação (MEC) que, por meio do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), financia o grupo PET-Geografia da Universidade Federal Fluminense, possibilitando ações de pesquisa, ensino e extensão que se materializam neste trabalho. Também agradecemos ao nosso tutor Sergio Nunes pelas constantes orientações e supervisões.

Referências

- ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. 4ª edição. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, novembro de 1997.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Tabernas e Botequins: Cotidiano e sociabilidades no Rio de Janeiro (1808-1821)*. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 24, nº 2, p. 25-42, jul/dez 2011.
- BARDY, Claudio. *O século XVIII*. In: SILVA, Fernando Nascimento (Org.). *Rio de Janeiro e seus quatrocentos anos: formação e desenvolvimento da cidade*. Rio de Janeiro: Record, 1965. (colocar na ordem alfabética)
- BISSIGO, Diego Nones. *O lugar dos africanos na estatística brasileira do século XIX*. *Afro-Ásia*, nº 56, 2017, p.41-81.
- CARVALHO, Amanda Lima dos Santos. *O Rio de Janeiro á partir da Chegada da Corte Portuguesa: Planos, Intenções e Intervenções No Século XIX*. *Laboratório de História, Poder e Linguagens*.
- FERREIRA, Fernando da Costa. *O bairro Vasco da Gama: um novo bairro, uma nova identidade?*. Niterói: Programa de Pós - Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, 2004.
- GOLDMACHER, Marcela. *A “Greve Geral” de 1903: O Rio de Janeiro nas décadas de 1890 a 1910*. Niterói: Programa de Pós - Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. *Os Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado*. 6ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.
- MENEZES, Lená Medeiros. *Imigração Portuguesa: lembranças de terras distantes. Tijuca e São Cristóvão como estudo de caso*. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro* nº 6, 2012, p.79-95.



PIRES, Leila C. A Trajetória De Alfino Vinícius Dias No Modelo De Direitos Humanos e Desafios De Janeiro E Petrópolis (1906-1919). In: _____ (Org.). *Desafios da Psicologia*. Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SILVA, Fernando Nascimento. Dados de Geografia Carioca. In: _____. (Org.). *Rio de Janeiro e seus quatrocentos anos: formação e desenvolvimento da cidade*. Rio de Janeiro: Record, 1965. (colocar na ordem alfabética)